

Universidades Lusíada

Freitas, Pedro Manuel Boléo de, 1962-2014

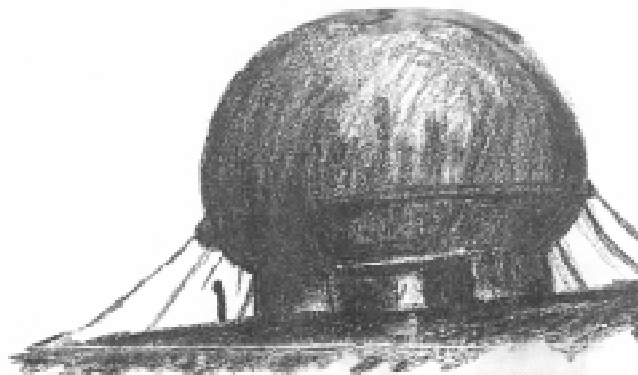
Desenhar o desenho

<http://hdl.handle.net/11067/4876>

Metadados

Data de Publicação	1998
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2023-05-05T19:46:19Z com
informação proveniente do Repositório



O descobrir de um novo espaço
Pedro Boléo 1993

DESENHAR O DESENHO

PEDRO BOLÉO DE FREITAS

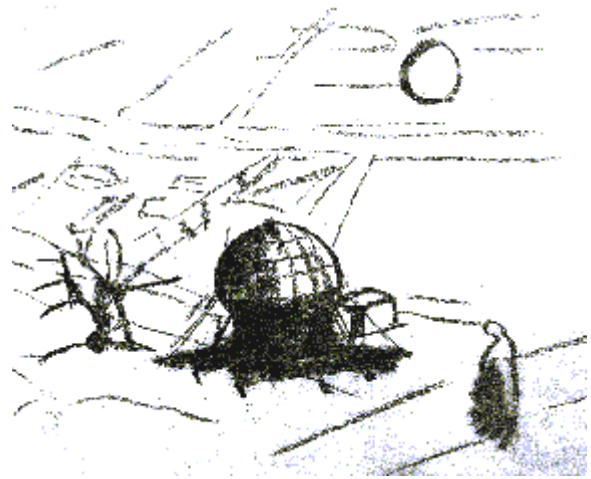
O traço enquanto elemento de procura e de formalização dos projectos, visa a identificação da forma de linguagem e de expressão do autor desse mesmo Projecto.

Pretende-se antes de mais expor e descrever a maneira mais própria de anotação gráfica, por forma a poder satisfazer uma função comunicativa; fazer um reconhecimento profundo de todos os elementos e processos intervenientes na determinação do dado representado como forma de análise total do desenho, desmontando-o nas suas componentes de modo a estudar as interações desses mesmos componentes entre si.

Os elementos primários onde a característica do traço, o poder informativo que este traço nos pretende transmitir e a posição marcante do plano de representação, são factores com uma força e uma presença na superfície do papel, que só por si permitem uma leitura esclarecedora da mensagem do projectista; já os elementos secundários são inerentes à personalidade e actuância do autor, bem como os resultantes de situações exteriores ao plano de representação, mas muito significativos no produto final, tais como o Tempo, o Lugar e a Cultura.

Pelo que citei, facilmente nos apercebemos que os elementos primários são o suporte de anotação gráfica transmitida directamente ao papel, sendo os secundários um remate da análise feita inicialmente, pelo que não são precisos e finitos, já que a circunstância varia num curto espaço de tempo.

Recordo que em 1974, R. Arnheim fez referência aos três modos diferentes e distintos como se pode apresentar uma linha:



O assentar do esquiço
Pedro Boléo 1993

Traço, Linha/Contorno e Linha/Objecto; entendamos a relação Traço/Superfície como qualquer objecto que trace um sinal em qualquer superfície, já assim entendida nos primórdios da História, onde o Homem pré-histórico procurava assinalar mensagens deixando gravações nas rochas, muitas delas ainda hoje não decifradas, ressaltando deste modo a importância de um “simples” traço produzido à milhões de anos. Este modo de representação, permite uma elasticidade em inúmeros campos, já que num projecto de arquitectura, ilustrações artísticas, engenharia, gráficos meteorológicos, etc...tudo está traduzido por meio de sinais e códigos, funcionando como meio de leitura visual de âmbito internacional.

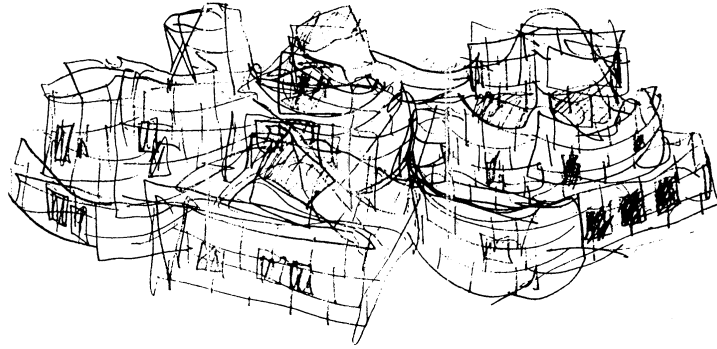
A percepção pode ser assimilada a um processo que vá desmontando esses mesmos códigos da realidade exterior ao observador, comportando esta, uma atribuição de sentido e uma aquisição de significado, que em conjunto têm a ver com a estruturação das imagens; dentro de um outro prisma, a representação concreta pode ser analisada como um processo através do qual se escolhem, se edificam, se interligam os sinais gráficos com a finalidade de atingir um significado, formalizando uma mensagem visiva, cujo desmontar desses mesmos códigos esteja prevista dentro de um limite preciso.

Estes sistemas de representação concreta, são portadores de uma grande carga ilusória, preparada previamente, já que é este o fim a atingir, de modo a criar situações consoante o que se supõe verificar na elaboração de quem os contempla.

É nesta aquisição e enriquecimento progressivo dos elementos formais e na interrelação entre traço gráfico e significado, que estão os percursos da técnica do desenho; a assimilação visual do espaço pressupõe um espectador que observe, ficando como parte integrante do processo de uma forma estática e/ou dinâmica, criando situações várias por forma a enriquecer o dimensionamento do espaço tridimensional.

Todo e qualquer volume é enriquecido por superfícies, sendo estas geradas por linhas e por sua vez estas ainda por pontos, podendo-se concluir que as superfícies, os volumes, as linhas e os pontos, constituem acontecimentos da organização do espaço, que vulgarmente designamos por formas; as formas animam e vivem do espaço, nunca existindo isoladamente, já que

University of Toledo Art Building
Toledo - Ohio 1992
Frank O. Gehry



este é constituído por matéria.

Toda a produção gráfica, tal como qualquer outra produção comunicativa, é gerada e determinada a partir de certos conteúdos, que constituem a sociocultura por ela gerada, induzindo-nos a ver nas coisas qualidades anteriormente insuspeitadas, existindo constantes de altas definições que podemos encontrar em quase todos os desenhos que preconizam o mesmo tipo de conteúdo.

Existem certos traços, como sejam, a inclinação do plano de visão, a presença de um sinal/mancha sugerindo a noção de plasticidade e dinamismo, que nascem em consequência do facto da relação forma gráfica-conteúdo informativo, ser mais estreita e qualitativamente diferente na comunicação visual, de tudo quanto existe na linguagem falada.

Em certas anotações do Desenho há determinadas regras que presidem aos modos das codificações, não sendo constantes para todos os conteúdos gráficos, gerando-se constantemente e em diferentes momentos sempre que uma área de conteúdo se vai organizando e clarificando, exigindo por isso um método que a possa transmitir sem distorções; como consequência, na linguagem gráfica assiste-se a diversas mudanças em curtos espaços de tempo, acabando por ser regulamentadas e adaptadas, por forma a conter informações específicas definidas a cada momento, para que possam responder às novas necessidades comunicativas.

Procura-se de uma forma geral a simplicidade da forma, a clareza de uma forma visual em sentido geométrico, tornando-se assim muito mais facilmente incorporada na imagem, já que por hábito os observadores acabam por distorcer formas complexas, tornando-as simples, mesmo quando isso significa um erro de percepção; a Cidade não está construída para um único ser, mas sim para um todo que entre si tem inúmeras diferenças, pelo que, o Projectista tem por obrigação perante a sociedade,



Frontispício da revista "bauhaus", publicado de finais de 1926 a 1931. Neste esboço virtuosa para a primeira edição de 1928, Herbert Bayer utiliza os instrumentos da sua arte gráfica para ilustrar uma variedade de níveis e meios de representação.

idealizar o conjunto das formas existentes numa urbe no momento exacto e antever qual a reacção do utilizador à forma que põe ao serviço dessa mesma sociedade.

Desenhar é Bom. Cada um de nós esquece à partida um Mundo de preocupações, aborrecimentos, stress, preconceitos, tédio...